



EDITORIAL

Cícero, o célebre orador e notável literato romano, deixou-nos a afirmação imorredoura: "A história é a mestra da vida".

No passado estão as nossas raízes, o registro de nossos erros e acertos, os nossos alicerces de civilidade e cidadania, cabendo-nos preservar, aprender e exaltar os valores que herdamos de nossos antepassados.

Ninguém evolui sem modelo, parâmetros, referências, sem conhecer e cultivar a memória coletiva que nos transfere e perpetua as valiosas experiências do ontem e do hoje. A reverência ao passado, às conquistas e realizações, constituem fator básico de nossa auto-estima, impulsionando-nos e nos direcionando ao futuro.

São Tiago, comunidade (quase) tricentenária, insere-se tradicional e culturalmente em inúmeros ciclos/circuitos históricos e econômicos da região, compondo hoje o ciclo turístico da Estrada Real, Trilha dos Inconfidentes, Caminhos de Goiás, Rota dos Tropeiros, etc.

Somos herdeiros de uma rica tradição humana e cultural, nas mais diversificadas áreas (folclore, artesanato, culinária, oralidade, etc.) e que vem se perdendo ao longo do tempo e dos caminhos.

O objetivo deste modesto boletim é o de coletar fatos históricos, folclóricos, pitorescos e afins que dignificam e enriquecem a memória local e regional, permitindo-nos reconhecer e redescobrir nossas raízes e caminhada, enaltecer nossos valores, exercitar, enfim, nosso humanismo e cidadania.

Achamo-nos inseridos num mundo em rápida evolução tecnológica, de transformação de valores e costumes, como (con) seqüência da inexorável e ascendente caminhada da humanidade e da civilização.

Não podemos, contudo, desconhecer nossas origens, roteiros, nossos esforços de jornada, nossa história, nossas próprias vidas passadas!

Estamos resgatando a rica memória e história de nossa terra. Embora desconhecida por muitos, somos herdeiros de valiosas tradições, a nós repassados pelas gerações que nos antecederam e não conservada devidamente.

Somos um povo que, desprezado secularmente pelas elites, infelizmente não reconhece à educação, a cultura, a pesquisa como valores básicos. Precisamos modificar isso, darmos valor à cultura, à história, à educação integral.

Se você, são-tiaguense e amigo de São Tiago, souber fatos, "causos" ou tiver documentos, textos e fotos de nossa história, por favor, comunique-se conosco. Forneçamos cópias deste material.

Ajude-nos a recompor a nossa história e a legarmos um futuro melhor para nossos filhos.

Ao pé da fogueira

Fatos pitorescos, históricos, lendários, folclóricos, etc...
de São Tiago e região

ERNESTO CIGANO

No início do séc. XX, à época da 1ª Guerra Mundial, apareceu inopinadamente no então arraial de São Tiago, uma família de retirantes, composta pelo casal e três ou quatro crianças. Os estranhos, "ciganos" como se dizia, passaram a morar numa casinha à beira da Fontinha, no final da hoje rua Francisco de Paula Lara, que era à época um brejo denso, inóspito de considerável extensão. Um local ermo.

O homem, de estatura elevada, tez amorenada, compleições fortes, logo se relacionou com alguns moradores, passando a trabalhar a dia ou como meeiro ou jornadeiro em propriedades rurais. Saía de madrugada para o eito na lavoura e retornava ao escurecer.

Tornou-se conhecido entre os moradores da vila pela alcunha de Ernesto Cigano.

Usava um enorme chapéu de palha à mexicana, tendo o hábito de rodopiá-lo longamente em acrobáticos e esmerados revolutes, que encantava e maravilhava a todos.

Meses e anos se passaram.

Certo dia, chega ao arraial uma companhia de soldados - a temida volante com ordens de captura de terrível facínora e foragido da justiça e da prisão. Estavam, em suma, a procura de Ernesto Cigano. Sua casa é cercada. A esposa chorosa informa que o marido só chegaria à noite, pois estava no campo.

Os soldados ficam de tocaia, prendendo o estranho assim que ele retorna da lavoura.

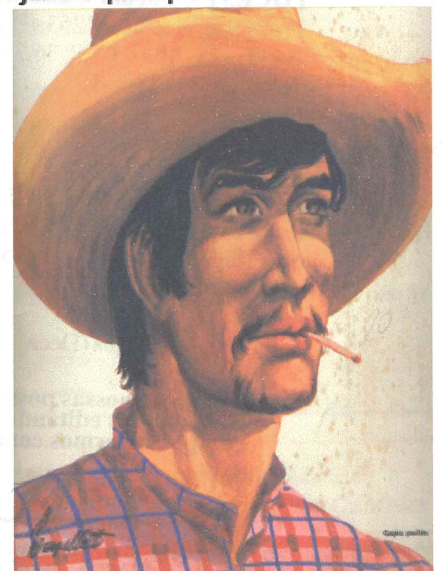
Ernesto Cigano não oferece resistência. Pede apenas para se despedir da esposa e dos filhos e pegar algum pertence pessoal. Era já o instante do lusco-fusco. Quase

noite. Enquanto cumpria o ritual de despedida e em confidências com a mulher, Ernesto posicionou-se no alpendre da modesta vivenda e começou a girar seu imenso chapéu em rodopios hipnóticos, e num momento de descuido dos policiais, num átimo, atirou-se no brejo.

Surpreendido com o ato de fuga, os policiais ainda atiraram com seus arcabuzes em direção ao leito do pântano, tentando ainda adentrá-lo em meio a lama e a densa vegetação. Procuraram a noite toda. Inutilmente. O prisioneiro desaparecera, se evaporara...

Na manhã seguinte, a casa achava-se fechada. A mulher e as crianças igualmente tinham-se evadido (provavelmente o marido combinara de antemão com a esposa o local ou ponto de encontro da família, após sua fuga).

Assim como um dia surgira no arraial, a família de forasteiros desaparecera, dela não se tendo jamais quaisquer notícias.



O que é o BANCO DE DADOS CULTURAIS

No princípio, muitas informações, muitos sonhos, objetivos e a necessidade urgente de começar. Montar um banco de dados que catalogasse para posterior divulgação e pesquisa, dados referentes ao nosso município e região circunvizinha. Por onde começar, era a nossa principal dúvida. O tempo exigia de nós uma atitude, então começamos.

Com o apoio do Sicoob Crediverentes e da Castil (que cederam a infra-estrutura necessária e uma funcionária) o trabalho foi iniciado. Um programa específico de computador foi desenvolvido. Na sede do Instituto Tiago Apóstolo, mais precisamente na biblioteca da instituição, começamos a organizar o acervo bibliotecário e documentos importantes para a nossa história foram sendo encontrados. Se ainda existiam e ali estavam é por que pessoas da nossa comunidade cederam seus acervos à instituição.

As primeiras semanas foram de organização, mas à cada caixa aberta uma surpresa se revelava: os primeiros jornais do município, livros doados por personalidades locais ou nacionais, bilhetes, fotos... Nossa história ali, um pouco empoeirada, maltratada, mas pulsando viva à espera de uma nova luz sobre ela.

No decorrer dos meses, iremos divulgar nossas "descobertas". Coisas muito nossas que deixam os olhos brilhando e uma vontade enorme de mostrar para todo mundo, afinal em nosso município temos uma coleção de livros dramáticos datados do início do século XX e uma bíblia que foi usada em celebrações durante a 2ª Guerra Mundial!



EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o progresso e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

COMO FALAR CONOSCO:

FOCEST - Fórum Cultural e de Empreendimentos de São Tiago.

Praça São Vicente, nº 253, Bairro do Cerrado
São Tiago - MG - CEP: 36.350-000
Telefone (32) 3376-1971
E-mail:
Falar com Luciane

BANCO DE DADOS CULTURAIS.

Rua São José, nº 461-A - Centro
São Tiago - MG - CEP: 36.350-000
Telefone (32) 3376-1107
E-mail:
Falar com Vanderléa (Deca)



Dentro de nossas possibilidades e mediante apoio recebido, estaremos editando novos números sem, contudo, nos comprometermos com a sua regularidade e periodicidade.

O que é o FOCEST

Para fins de atendimento à legislação vigente e dotarmos São Tiago, por outro lado, de uma instituição cultural, foi criado, o FÓRUM CULTURAL E DE EMPREENDIMENTOS DE SÃO TIAGO, sigla FOCEST, com objetivos, dentre outros, de resgate e estímulo às tradições culturais, artísticas, folclóricas, memorialísticas de nosso meio, bem como fomentar programas de empreendedorismo, nas áreas de serviço, turismo, ecologia, agronegócios, agroindústrias etc. trata-se, enfim, e na prática, de uma agência de desenvolvimento, com forte viés cultural e que terá, inclusive, a função de coordenar eventos e festivais, envolvendo todos os segmentos da comunidade com a conjugação de esforços e parcerias entre sociedade civil organizada e Poderes Públicos.

O FORUM, para fins iniciais de funcionamento e operacionalização, será mantido por associados, pessoas físicas e jurídicas, tornando-se imprescindível, para tal, o estímulo e a compreensão de todos os que labutem pelo progresso e desenvolvimento de nossa terra e região, contando-se para tanto, com o imprescindível apoio dos são-tiaguenses e amigos de São Tiago.

Trata-se de uma iniciativa séria e que com o esforço de cada um de nós, brevemente estará gerando frutos em nosso meio, em especial em projetos de turismo, artesanato e agroindústria (Estrada real, Trilha dos Inconfidentes, Festivais Culinários, Picada de Goiás, etc.), contribuindo, ao longo do tempo, para a melhoria das condições de trabalho, renda, ocupação profissional da comunidade da atual e nova geração. Todos seremos beneficiados!

Tenhamos em mente que a nossa região, em particular a nossa terra, é herdeira de riquíssimas tradições, a nós legadas por nossos antepassados tendo nós o dever de levar avante tamanhos esforços de ontem e de hoje em prol das novas gerações.

Cabe-nos, pois, romper o véu da inércia, transformando-os valores da memória em celeiros de cultura, desenvolvimento e bem-estar para todos.

"O passado joga pedras no futuro e todas elas caem no presente"
(Yehuda Amichai, poeta israelense)

FIGURAS TÍPICAS E PITORESCAS DE SÃO TIAGO E REGIÃO

"Boa-noite, Crispim"

O ônibus adquire uma velocidade diferente. Velocidade alegre de quem mais uma vez cumpriu uma tarefa marcada. Uma buzina alta e prolongada anuncia sua chegada. Está orgulhoso. Entra galante na cidade de "São Tiago".

Ajeito-me. Pelos vidros das janelas distingo uma figura masculina, grotesca e desajeitada. Caminha em direção da porta que se abre. Preparo-me para descer. Pego minhas coisas e entro na fila dos que vão desembarcar. Entrego a passagem e custo a chegar à calçada. Pareço gastar mais tempo nisso do que na viagem. Uma pessoa me estende a mão. Junto ouço uma voz:

- Oi, oi, ocê chegou? Boa-noite.

Boa-noite? Mas sinto a presença do sol na claridade forte que brota dos metais do ônibus ofuscando-me os olhos. Como pode ser noite? É dia e um dia maravilhoso. Volto o rosto e vejo Crispim. Estendo-lhe a mão, mas me esqueço do seu gesto e repreendo-o:

- Crispim, não é noite. É dia. Bom-dia!

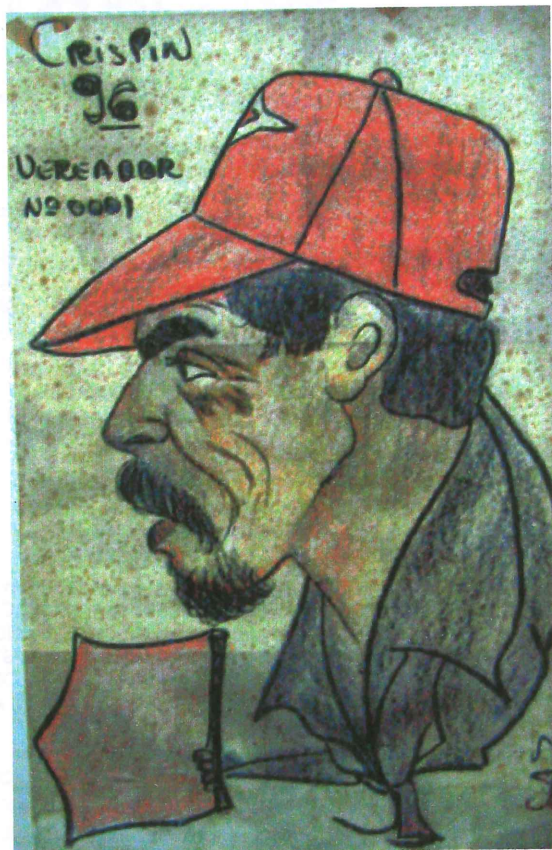
- Oi, oi, bom-dia!

- Tchau, Crispim!

Dirijo-me para o Colégio. Estava alegre. Não importava ser noite ou dia. Alguém me saudara, notara minha presença, notara minha chegada.

"Crispim" não é o diretor, nem um professor ou aluno. É um simples e pobre. Sem estudo. Não tem dinheiro, nem posição social, nem profissão sequer. Jamais será um bancário, um fabril ou um vereador. Nunca lerá um livro ou fará um discurso. Nunca ganhará um grande ou magro salário. "Crispim" nunca saberá o que é um emprego. Apesar de ser sempre um empregado. Um empregado gratuito que sorri por ter servido. "Crispim" serve mais do que ele pensa.

Para algumas pessoas, Crispim é um bobo, um idiota ou um retardado. Um excepcional usando um termo apropriado. Para outros, um bicho. Um maltrapilho que nas festas da cidade deve ficar escondido.



Para mim, "Crispim" é gente. É pobre de inteligência e de recursos materiais, mas é rico de coração. Sabe fazer os outros felizes.

A primeira vez que o vi foi quando cheguei em março, em São Tiago. E a partir daquele dia o encontro em todos os fins de semana. Quando chego... quando regresso...

Deve ter uns trinta anos. Parece um velho. Está sempre mal vestido, roupas sujas e atrapalhadas. Camisa com botões de várias cores, mal pregados, casas rasgando-se. Quando os botões desencontram-se das casas, sobra de um lado uma ponta de camisa, desarmonizando ainda mais o conjunto. Pés no chão, mal formados, estragados pelas pedras das ruas. Sempre caminhando, não param para nada. Mãos calejadas e sujas, mas não dão nojo. Sempre estendidas para alguém, para um cumprimento ou para carregar algo. Seu rosto não tem a frescura dos rostos bem tratados. Parece um papel amassado que a gente joga fora. A pele é seca e enrugada. Faltam-lhe dentes. Os dentes presentes estão estragados. Seus lábios estão sempre abertos num sorriso. Sorriso tão grande que mostra as gengivas vermelhas. Sorriso acompanhado das pálpebras que se abrem deixando os olhos sorrirem. Não fala direito. As palavras saem emboladas, mas sempre as entendo.

Nunca o vi triste. A reclamar de cansaço, a resmungar ou à toa sentado no banco da praça. Sempre o vejo: sorrindo e andando... Carregando pastas para os outros, leite, lenha, fardos... Andando e servindo...

Gosto do Crispim. Nunca fiz nada por ele. E ele está sempre a servir-me.

Chego ao Colégio, olho para trás e quero revê-lo. Lá vem ele assobiando. Carrega na mão direita um grande caldeirão esmaltado, cheio de leite.

"Crispim" - nome tão lindo, uma alma tão grande, num corpo tão feio. Gostaria de dizer-lhe: "Muito obrigada". E que ele o entendesse. E que soubesse que eu gosto dele. Já não imagino São Tiago sem ele.

Entro no Colégio. Ao longe diviso Crispim que volta com o caldeirão vazio, tamborilando os dedos no fundo esmaltado. Os sons do caldeirão chegam aos meus ouvidos acompanhados das palavras "oi, oi, ocê chegou? Boa-noite!"

- Boa noite, Crispim! Nesses poucos minutos você já fez tanta coisa. Eu ainda não fiz nada. O meu dia vai começar agora.

(Maria Sílvia C. de Barros - 27/09/1968)

Texto publicado no Jornal "Ponta de Lança", nº 27/28, de 22/04/1972

VOCÊ SABIA????

- 1708: Chegada dos primeiros brancos à região (Mineradores Espanhóis)



"A MEMÓRIA É A DÉCIMA MUSA, TALVEZ, AMÃE DAS MUSAS", Eça de Queiroz, em *Os Maias*



EDITORIAL

Cícero, o célebre orador e notável literato romano, deixou-nos a afirmação imorredoura: "A história é a mestra da vida".

No passado estão as nossas raízes, o registro de nossos erros e acertos, os nossos alicerces de civilidade e cidadania, cabendo-nos preservar, aprender e exaltar os valores que herdamos de nossos antepassados.

Ninguém evolui sem modelo, parâmetros, referências, sem conhecer e cultivar a memória coletiva que nos transfere e perpetua as valiosas experiências do ontem e do hoje. A reverência ao passado, às conquistas e realizações, constituem fator básico de nossa auto-estima, impulsionando-nos e nos direcionando ao futuro.

São Tiago, comunidade (quase) tricentenária, insere-se tradicional e culturalmente em inúmeros ciclos/circuitos históricos e econômicos da região, compondo hoje o ciclo turístico da Estrada Real, Trilha dos Inconfidentes, Caminhos de Goiás, Rota dos Tropeiros, etc.

Somos herdeiros de uma rica tradição humana e cultural, nas mais diversificadas áreas (folclore, artesanato, culinária, oralidade, etc.) e que vem se perdendo ao longo do tempo e dos caminhos.

O objetivo deste modesto boletim é o de coletar fatos históricos, folclóricos, pitorescos e afins que dignificam e enriquecem a memória local e regional, permitindo-nos reconhecer e redescobrir nossas raízes e caminhada, enaltecer nossos valores, exercitar, enfim, nosso humanismo e cidadania.

Achamo-nos inseridos num mundo em rápida evolução tecnológica, de transformação de valores e costumes, como (con) seqüência da inexorável e ascendente caminhada da humanidade e da civilização.

Não podemos, contudo, desconhecer nossas origens, roteiros, nossos esforços de jornada, nossa história, nossas próprias vidas passadas!

Estamos resgatando a rica memória e história de nossa terra. Embora desconhecida por muitos, somos herdeiros de valiosas tradições, a nós repassados pelas gerações que nos antecederam e não conservada devidamente.

Somos um povo que, desprezado secularmente pelas elites, infelizmente não reconhece à educação, a cultura, a pesquisa como valores básicos. Precisamos modificar isso, damos valor à cultura, à história, à educação integral.

Se você, são-tiaguense e amigo de São Tiago, souber fatos, "causos" ou tiver documentos, textos e fotos de nossa história, por favor, comunique-se conosco. Forneçamos cópias deste material.

Ajude-nos a recompor a nossa história e a legarmos um futuro melhor para nossos filhos.

Ao pé da fogueira

Fatos pitorescos, históricos, lendários, folclóricos, etc...
de São Tiago e região

ERNESTO CIGANO

No início do séc. XX, à época da 1ª Guerra Mundial, apareceu inopinadamente no então arraial de São Tiago, uma família de retirantes, composta pelo casal e três ou quatro crianças. Os estranhos, "ciganos" como se dizia, passaram a morar numa casinha à beira da Fontinha, no final da hoje rua Francisco de Paula Lara, que era à época um brejo denso, inóspito de considerável extensão. Um local ermo.

O homem, de estatura elevada, tez amorenada, compleições fortes, logo se relacionou com alguns moradores, passando a trabalhar a dia ou como meeiro ou jornadeiro em propriedades rurais. Saía de madrugada para o eito na lavoura e retornava ao escurecer.

Tornou-se conhecido entre os moradores da vila pela alcunha de Ernesto Cigano.

Usava um enorme chapéu de palha à mexicana, tendo o hábito de rodopiá-lo longamente em acrobáticos e esmerados revolutes, que encantava e maravilhava a todos.

Meses e anos se passaram.

Certo dia, chega ao arraial uma companhia de soldados - a temida volante com ordens de captura de terrível facínora e foragido da justiça e da prisão. Estavam, em suma, a procura de Ernesto Cigano. Sua casa é cercada. A esposa chorosa informa que o marido só chegaria à noite, pois estava no campo.

Os soldados ficam de tocaia, prendendo o estranho assim que ele retorna da lavoura.

Ernesto Cigano não oferece resistência. Pede apenas para se despedir da esposa e dos filhos e pegar algum pertence pessoal. Era já o instante do lusco-fusco. Quase

noite. Enquanto cumpria o ritual de despedida e em confidências com a mulher, Ernesto posicionou-se no alpendre da modesta vivenda e começou a girar seu imenso chapéu em rodopios hipnóticos, e num momento de descuido dos policiais, num átimo, atirou-se no brejo.

Surpreendido com o ato de fuga, os policiais ainda atiraram com seus arcabuzes em direção ao leito do pântano, tentando ainda adentrá-lo em meio a lama e a densa vegetação. Procuraram a noite toda. Inutilmente. O prisioneiro desaparecera, se evaporara...

Na manhã seguinte, a casa achava-se fechada. A mulher e as crianças igualmente tinham-se evadido (provavelmente o marido combinara de antemão com a esposa o local ou ponto de encontro da família, após sua fuga).

Assim como um dia surgira no arraial, a família de forasteiros desaparecera, dela não se tendo jamais quaisquer notícias.

